

VOLTAM OS BOMBARDEIOS MACICOS A LUZ DO DIA

Quase 300 toneladas de bombas incendiárias sobre objetivos bolchevistas

Seul, 19 (U.P.). — Trinta e três Super-Fortalezas B-29 Superfortress lançaram 297 toneladas de bombas incendiárias sobre objetivos bolchevistas na região de Hamhung, durante o primeiro bombardeio realizado a luz do dia num período de 11 meses por aparelhos desse tipo.

Pan Muu Jong, 19 (U.P.). — As delegações de trégua aliadas e comunistas reuniram-se hoje, novamente, mas esperam-se que apenas fizessem um acordo no sentido da suspensão dos trabalhos por mais uma semana.

Seul, 19 (U.P.). — Soldados comunistas chineses que invadiram recentemente a zona de trégua, foram expulsos das montanhas de Hamhung, após uma luta feroz.

Seul, 19 (U.P.). — Soldados comunistas chineses que invadiram recentemente a zona de trégua, foram expulsos das montanhas de Hamhung, após uma luta feroz.

Bonn aprova a resposta das democracias à Rússia

Bonn, 19 (U.P.). — O governo alemão aprovou a resposta do Ocidente à Rússia.

Bonn, 19 (U.P.). — Chegou a esta capital uma delegação da Alemanha Oriental, que, sob pretexto de escola policial, veio tentar

LITERATURA E ARTE

Nas 6.ª e 7.ª páginas deste caderno

ARTIGOS

Em torno de uma data — Otávio Tarquino de Sousa

SECCOES

A CIDADE E OS DIAS

POESIA

Vida — Abgar Renault

A procura — Gilda Heloisa

MAIS TRÊS VETOS DA RÚSSIA

Viet Nam, Laos e Cambódia não ingressarão na ONU — Malik adiou seu regresso

NAGUIB E MADRUGADOR

ACUSAÇÕES AO SENADOR RICHARD NIXON

Ironias de Stevenson -- Prossegue acesa a campanha eleitoral nos Estados Unidos

Washington, 19 (U.P.). — O presidente do Conselho Nacional do Partido Democrata, Stephen Mitchell, desafiou o candidato republicano Eisenhower a exigir a renúncia do senador Richard Nixon, seu companheiro de chapa e candidato à vice-presidência, por ter sido acusado de fraude eleitoral.

Seul, 19 (U.P.). — Soldados comunistas chineses que invadiram recentemente a zona de trégua, foram expulsos das montanhas de Hamhung, após uma luta feroz.

TALVEZ UM ARMISTÍCIO NA CORÉIA

se os russos não houverem dado ordem contrária aos chineses

Eden faz oportunas declarações em Belgrado — Tito seria convidado a visitar a Inglaterra

Belgrado, 19 (U.P.). — Zdenko de Belgrado à imprensa que os aliados talvez consigam concordar um armistício na Coreia se o Kremlin não se opuser no transcurso das negociações que celebraram em Moscou os dirigentes comunistas chineses e soviéticos.

Seul, 19 (U.P.). — Soldados comunistas chineses que invadiram recentemente a zona de trégua, foram expulsos das montanhas de Hamhung, após uma luta feroz.

LEIA AMANHÃ

nesta folha

"COMO SURTIU a bomba atômica"

Primeiro relato oficial de detalhes das pesquisas e experiências que culminaram com as bombas de Nagasaki e Hiroshima

Pelo ex-presidente do Comitê Britânico de Energia Atômica e Professor de Física do Colégio Imperial de Glênada da Grã-Bretanha

Condições críticas no Irão

Pedida em Washington a interferência de Acheson

Washington, 19 (U.P.). — A pedido do Irão, o governo americano pediu a interferência de Acheson em Washington.

Yoshida exigiria condições de Pequim

antes de tomar parte numa conferência de paz

Tóquio, 19 (U.P.). — Yoshida exigiria condições de Pequim antes de tomar parte numa conferência de paz.

Seul, 19 (U.P.). — Soldados comunistas chineses que invadiram recentemente a zona de trégua, foram expulsos das montanhas de Hamhung, após uma luta feroz.

ACENTUA-SE A CRISE BOLCHEVISTA EM FRANÇA

Thorez regressaria ao comando

Desaparecido André Marty

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

Em torno de uma data

TAVIO TARQUINIO DE SOUSA



momentânea, em manter a união com Portugal, e dava-se a D. João VI, como conde e prisioneiro das Cortes de Lisboa. Foi a 7 de setembro que se puseram de lado quaisquer subterfúgios, rompendo-se os últimos laços da Independência total e definitiva. Contemporaneamente se emprestou à data toda a sua significação formal e simbólica. Fácil é prová-lo.

A 5 de setembro de 1823, João Severiano Maciel da Costa, presidente da Constituinte, dirigiu a Carneiro de Campos, ministro do Império, o seguinte ofício: "A Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil tem resolvido enviar no dia 7 do corrente à presença de sua Magestade Imperial uma deputação para lhe expor em nome do Império os puríssimos votos de seu agradecimento pela magnânima resolução de declarar a Independência do Brasil, e a primeira vez nas margens do Piranga (sic). O que participo a V. Ex. para que sabendo de sua Magestade o lugar e a hora em que determinar receberá a V. Ex. nos comunique e eu possa fazê-lo presente na mesma Assembléia. Deus guarde a V. Ex. Passo da Assembléia de 1823". (Ms. n.º 2337, do arquivo do castelo d'Eu — Museu Imperial de Petrópolis). Ai está, de maneira mais explícita, o presidente da Constituinte, na ante-véspera do primeiro aniversário, a pedir hora para apresentar a D. Pedro I os agradecimentos da Assembléia, em nome do Império, pela proclamação da Independência, a 7 de setembro de 1822, nas margens do Piranga, como então se dizia e se lê em numerosos documentos. Quer isto dizer que já então se comemorou o dia 7 de setembro como o da Independência do Brasil, e comemorou-se por decisão da Constituinte, que reunia brasileiros de todas as províncias e de todas as ten-

dências políticas, participes muitos deles dos sucessos políticos que prepararam aquela data.

No ano seguinte, 1824, por ocasião do segundo aniversário, houve nova comemoração. A Constituinte fora dissolvida, e Pedro I, cumprindo sua promessa, outorgara a 25 de março a Constituição do Império. O "Diário Fluminense", jornal oficial ou oficioso, noticiava no número 60, de 9 de setembro: "Terça-feira, 9 do corrente, aniversário da Independência deste Império, foi na conformidade dos ordens de S. M. o Imperador, dia de grande gala...". E contando as festas, as saídas das fortalezas e dos navios, e os bandeirados, assim concluía: "...desta forma se solenizou um dos mais notáveis dias que tem o Brasil, dia em que o nosso Augusto Imperador, nas margens do Piranga, proclamou a nossa Independência". Em 1825, celebrando o terceiro aniversário, o mesmo "Diário Fluminense", para ligar à data um acontecimento que dela decorria, publicava no número 57, de 7 de setembro, em suplemento, o tratado do reconhecimento da Independência, firmado a 28 de agosto anterior, por Sir Charles Stuart, em nome do rei de Portugal, e pelos plenipotenciários brasileiros. Interstício também o jornal um poema de José Eliel Ottoni, dedicado "a S. M. I. o Senhor D. Pedro I, no dia do aniversário da Independência do Brasil", cujo último verso era "Proclama e grita Independência ou Morte"; e finalmente anunciava: "Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara. Hoje, quarta-feira, 7 do corrente, por ser dia de grande gala, haverá uma Academia de Música".

Já vimos a data de 7 de setembro celebrada em 1823, 1824, 1825, isto é, no primeiro, segundo e terceiro aniversário da Independência. O mesmo verificamos em 1826. O "Diário Fluminense", número 58, de 9 de setembro desse ano, num artigo cujo título era "Dia 7 de setembro", entre outras coisas avançava: "O dia 7 de setembro tem um caráter particular, que o recomenda nas páginas da História. Ele recorda um daqueles momentos só concedidos aos gênios extraordinários, para a salvação dos antigos impérios, ou para a criação de um novo. O Senhor D. Pedro de Alcântara, concebendo em Seu Sublime Entendimento o mais elevado projeto, corrou com uma palavra mais eficaz que a espada de Alexandre todas as desastrosas máquinas dos inimigos do Brasil, e o brado de Independência, resolutamente pronunciado, fez arripiar a água do Piranga...". E continuando no mesmo tom ditirâmico, acrescentava que, se a chuva abundante que desabara sobre o Rio frustrara a realização da grande parada, nem por isso deixaram de realizar-se outras festas. Pedro I compareceu às 6 horas da tarde ao Te Deum entoado na Capela Imperial pelo bispo capelão-mor, e à noite esteve no Teatro de São Pedro, onde se cantou o hino nacional, foi representado o primeiro ato de "Barbeiro de Sevilha" e a companhia de dançarinos executou danças, segundo a linguagem do artigo.

Em 1827, por ocasião da passagem do quinto aniversário, o "Diário Fluminense" não pecou por omissão. No número 58, de 10 de setembro, podemos ler: "O Quinto Aniversário do dia mais festivo, em que o Brasil, graças ao Seu Augusto Defensor Perpetuo, quebrou os ferros da tirania...". O lugar-comum é, portanto, já bastante antigo. No ano seguinte, 1828, a proclamação da Independência foi celebrada com o mesmo entusiasmo, e a Câmara dos Deputados achou conveniente enviar a Pedro I uma delegação, orando em nome de alguém que já ganhava largo prestígio pela inteligência e opiniões liberais. Bernardo Pereira de Vasconcelos. Diante do monarca, saudando-o com a reverência devida, deixou o deputado mineiro expresso que o Brasil não prescindiria jamais de instituições livres — Constituição, Constituição, Constituição — e que era o remédio para todos os males. Vale a pena ler as palavras de Vasconcelos, que figuram nos anais da Câmara e foram registradas pela "Ástrea", número 331, de 13 de setembro de 1828, jornal de oposição, dirigido por João Clemente Vieira Souto, que relata por vezes com o de Evaristo no combate aos governos do Primeiro Reinado. E, pois, fora de qualquer dúvida que a data de 7 de setembro tornou logo para os contemporâneos da Independência o sentido que não perderia mais.

"O Dia da Piranga, dia essencialmente nacional, para todo brasileiro que se preze de o ser", ou o maior Dia de Festas do Brasil, aquele em que ressoaram os brados de Independência ou Morte, proferidos pelo Augusto Chefe da Nação, como disse a mesma "Ástrea", número 611, de 7 de setembro de 1830. "Maior dia de festas do Brasil", assinando a base emancipatória política. Data a respeito de cuja autenticidade não subsiste a menor dúvida.

coação e amor da literatura não se lhe acusam apenas em numerosos traços do estilo, mas ainda no pendor para tratar de assuntos relativos da letra. Há, pois, nesse homem de jornal um ser dividido entre jornalismo e literatura — e não raro é possível imaginar-lhe uns toques de mágoa por não se haver entregue de todo a esta, pois o seu alto espírito público bem cedo o arrostou para aquele.

Assim bipartido, refugia-se, volta e meia, da mesmice da política, dos sucessos de mero interesse profissional, na apreciação de um livro, de um acontecimento ou vulto literário.

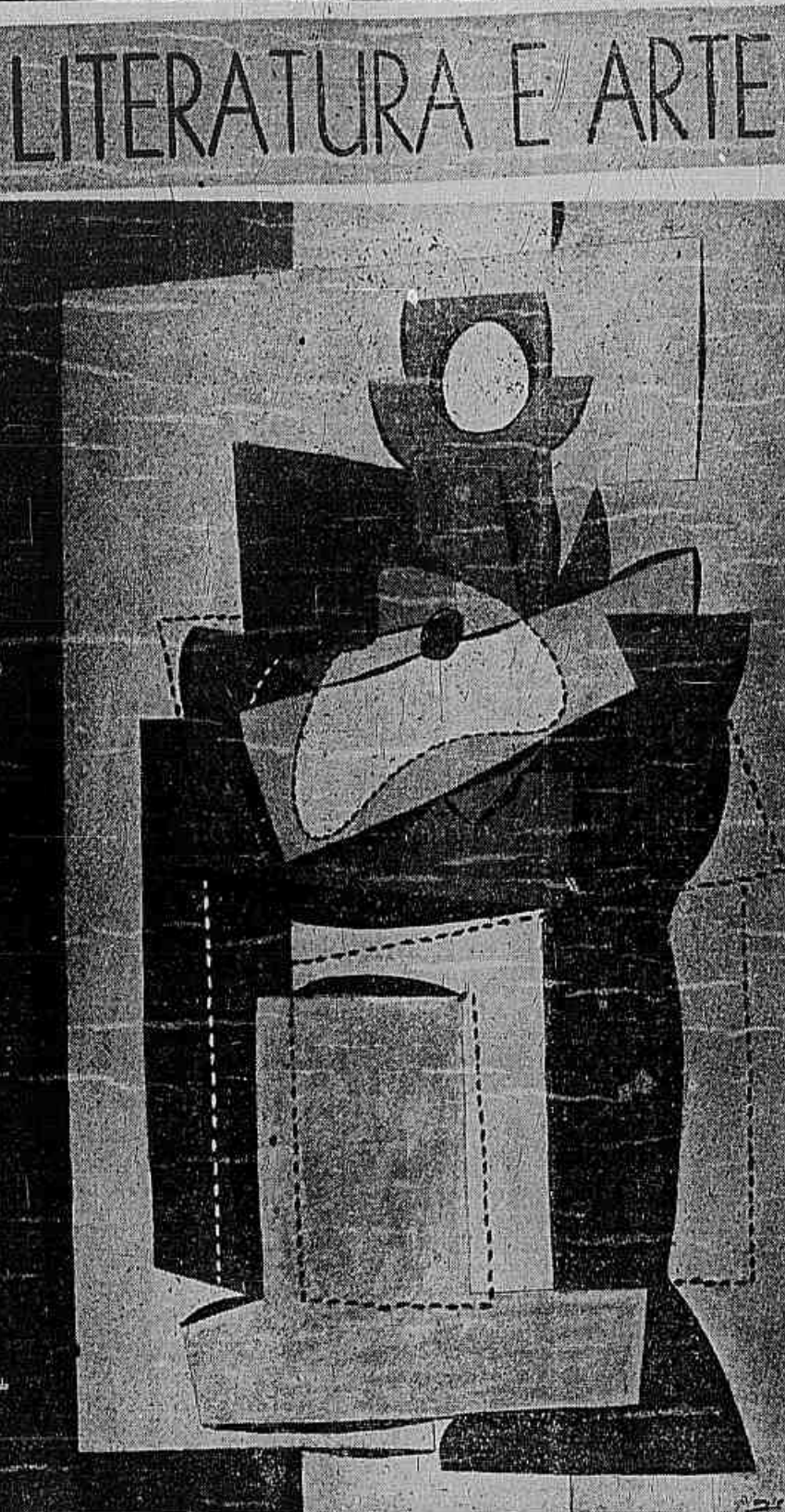
O próprio índice do presente volume acusa esta diversidade ao tódo da tarimba jornalística. Na primeira parte, ao lado de conferências, discursos ou prefácios — por vezes seguros ensaios, ricos de idéias e obstruções originais — suscitados por figuras políticas, nacionais e estrangeiras, vemos artigos de sentido literário, como "O Escritor Rui Barbosa" ou "Oração aos Mocos"; ou, mais largamente, a introdução à coletânea, por ele organizada, de Poemas em Português e no Brasil, de Camilo Castelo Branco, em cuja prosa — escreve com sintética lucidez — "há uma alguma coisa nova, uma espécie de superfície neoclássica, que lhe complexifica a graça do estilo, resistindo às imperfeições cidentais"; cuja forma de escrever "desce, a cada momento, o inesperado".

Na segunda parte, estão — "Notas de Uma Viagem" — Costa Rego, em contato com a Europa, livro de rotina de redator-chefe do seu jornal, atira-se com apêndice ainda mais vivo às coisas de literatura. O que não importa dizer que o escritor esquece o jornalista. Não os assuntos políticos e sociais vêm à tona a cada instante; mas, ao lado deles, encontra-se, para dar nome a Eça, as memórias e as memórias de Chateaubriand, a crise do estilo, a crítica de Voltaire, ou de temas de cultura, em geral: a cidade onde mais se lê, a difusão do livro francês, e, ao longo das crônicas

tipicas do viajante — como aquelas que lhe são inspiradas pela igreja de Alcobaca, o Pórtico, Braga, Coimbra, os caminhos de Portugal, a mulher do Alentejo e a do Algarve, o Ribatejo, a torre de Belém, a chuva de Paris — aparecem nomes como os de Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e António Nobre.

Também os assuntos de ciência não lhe escapam ao comentário: vai tratando nos que estão em voga lá por onde viaja a sua curiosidade inteligente: a nemotécnica e o terceiro rim, por exemplo. Não se dá, assim, na contemplação basba — ou piegas da paisagem de Portugal ou da sua "belha França", admira discreto o admirador da "belha França" sentimental a emulá-lo, faz uma visita silenciosa ao conhecido da Bolsa de Paris, das ruas sobre Thiers e Pont-neuf, e não perde de vista as terras de França, o que vai pelo resto do mundo — de que, afinal de contas, já um lugar-comum nos advertia que Paris é o centro: Stalin e Tito, as memórias de Churchill e o plano Marshall, a cerimônia do petróleo e a bomba atômica, Thomas Dewey e os juizes ingleses que aplicaram a pena de morte no caso de certa Sr. Mary Mayne, sentença "excessivamente rigorosa para cachorro"...

A ironia — que, estando na raiz do seu folio,



Pablo Picasso — LA CHEMINÉE

ARA um político, isto que anda por aí é o fim do ministério. Para um cronista, é apenas o fim do inverno.

Para um político, o que vem por aí, rebrandando em flores, em perfunctórios, em cores e milícias, é o começo do novo ministério. Para um cronista, é apenas a primavera, nada de mais e nada menos. Assim, enquanto o político espera pelo governo, o cronista aguarda a primavera para confiar-lhe, documenta, a sua ode íntima.

Historiador das coisas que não entram para a História, o cronista escuta nos ônibus e nos bondes as alheias conversas.

— Está quase no fim.

— O que? O inverno?

— Não. O ministério.

No homem que lê o jornal com a sofreguidão de quem assiste a uma corrida de hipocrietas, ele descobre o que devora o inquieto leitor: é o ministério. Possivelmente, o homem da rua, na luzes inauditas de seu anonimato, dedica alguma ternura aos ministros neste fim de inverno, o que vale a dizer neste início de primavera. Que é um ministro de Estado? É um homem que vai perdendo suas virtudes ministeriais logo após a posse; é como o frio do inverno; é como a arrebatada da flores e de seus acaus da primavera. Há os que tomam café e os que tomam chá; e um destes já diz ao repórter (isto é, ao leitor)

A CIDADE E OS DIAS

Coordenando a primavera

LEDO IVO



que corri para a mudança da estação e espera nova partida de chá para o seu gabinete, e não para de trás tumultuosos, uma vez que o navio que o traz, de portos em todos assemelhados aos dos romances de Conrad, ainda cruza um golfo oriental, presumivelmente o Bengala. E o ministro que, se ama as estações, ama ainda mais a manobra.

licia, avulsa aos navegantes que tais regiões marinhas são sujeitas a tufões, a étes, as desastrosas, atravessam a chegada do navio, isto é, do chá, que só poderá ser servido daqui a alguns anos.

Falar de tufões é uma maneira de falar do tempo. Isto mostra que os ministros, embora atentos aos boatos, não menosprezam as estações; um observador pessimista poderia aventurar que alguns deles confiam até demais no vento e na chuva do Oriente. Ou não acreditam que haja primavera no Brasil, ou a reduzem a uma escassa primavera teórica, sem poderes ou habilidades para alterar a ordem do tempo, ou melhor, a ordem do ministério.

Assim, quem está coordenando a nova estação, preparando a sua vinda, grã grã a exibição prestigiosa de algumas flores de retórica (tudo são flores) em verdade imita o cronista que anuncia o espetáculo das primícias.

Mas o leitor, que sente os céus carregados, que precebe na arvia da praça a obstrução da onda, que vê na planta do canteiro improvisado de seu apartamento a promessa de uma flor em botão, adivinha que algo haverá de vir. No ar, onde as "manchetes" se evaporam, os conselhos se entrecruzam e as promessas nascem, neste chá de setembro que é o campo de batalha entre duas estações, alguma coisa existe de verdade. Explicar-se, pois, que haja tanta gente coordenando acontecimentos futuros. O político coordena o novo ministério. O amor coordena o seu novo amor. O entediado coordena o seu novo tédio. Enfim, deixai-me coordenar a primavera.

OS últimos três lutos, a literatura da Áustria atravessou uma época de desenvolvimento por causa de uma política, muitas vezes estranha ao povo austriaco. A crise, pois, trata-se de uma crise profunda e bastante séria, começou ainda antes do ano de 1938, conforme tivemos a oportunidade de ler, em alguns lucidos ensaios, assinados por escritores de importância, como Franz Theodor Csokor, Milo Dor e Hans Weigel, cujos nomes teremos ainda a ocasião de encontrar nestas linhas. A Independência do país era ameaçada, um grupo de escritores e poetas começou uma auto-liquidação, por um "hard-kill" coletivo, que significava o fim de uma era de brilho e progresso. Os chefes do grupo chamavam-se Bruno Brehm, Mirko Jelenc, Urbanitzky, Spunda, e seu desejo mais ardente, por incrível que pareça, era o de isolar a literatura austriaca do continente europeu. De repente, o instante em que Viena deixou de ser uma Capital, o coração da Áustria parou, e a literatura autêntica transferiu-se para as fronteiras, começando uma difícil permanência no exílio. Alguns escritores de valor, espalhados pelo mundo, ou vivendo na sua pátria, num "exílio interno", preservaram a tradição cultural da Áustria e o espírito progressista, que sempre marcou as letras daquele país. Tivemos, porém, de um grupo bastante reduzido, em comparação com aqueles que louvaram os "tempos de ouro" e entre os verdadeiros escritores livres, não podemos deixar de mencionar os mestres Franz Theodor Csokor, Oskar Maurus Fontana, no lado de outros bons escritores como Hochwälder, Musil e Torgler, que viveram, até há pouco tempo, longe da Áustria.

A nova geração, correspondente à geração brasileira de 45, formou-se em condições áspers e difíceis, lutando com inúmeras dificuldades, quase afastadas das correntes espirituais do mundo. "Dos abrigos anti-aéreos, do 'front', depois de longos anos de barbárie e hospitalidade espiritual, sem a possibilidade de adquirir uma ciência e uma doutrina definitiva, voltaram em 1945 aqueles que tinham vivido no exílio, nascidos entre 1920-1925. Maiores, intactos do ponto de vista humano, mesmo algumas vezes indisciplinados, eles possuíam tudo que os gentes acreditavam que não possuísem" — eis como apresenta o crítico Hans Weigel seus colegas de geração, num estudo muito sincero, com alguns trechos quase brutais. Esta geração começou a conquistar não somente a atenção dos círculos intelectuais da Áustria, mas também o público da Alemanha, que ficou surpreendido com o valor desta equipe de novos, verdadeiramente inéditos. Seus trabalhos não foram ainda não são fáceis, as dificuldades surgem de toda parte, e as surpresas não faltam. Os dias sombrios de apósguerra foram, portanto, vencidos, e desta maneira podemos falar tranquilamente da nova geração austriaca, como de uma realidade. Há quase dois anos, quando tivemos a ocasião de esboçar um quadro da literatura austriaca de pós-guerra, o capítulo dos novos era muito reduzido; hoje em dia, as coisas se apresentam de modo diferente.

Os mais importantes já estão conhecidos além das fronteiras, apesar de uma "corrente de papel" organizada pela burocracia, militando no "Grupo de 47" que reúne os escritores de Vanguarda da Alemanha. Lise Alving, que recentemente obteve o grande prêmio do "Grupo de 47", é uma das mais sérias vocações da Áustria, autora de alguns trabalhos de valor, como aquele "Conto de espelho" que situa esta moça no primeiro plano da literatura do seu país. O romance "A maior esperança" publicado pela grande editora "S. Fischer" de Frankfurt, mereceu palavras de elogio de todos os críticos, e foi esgotado em pouco tempo. Um dos mais importantes, é, sem dúvida Milo Dor, jugoslavo refugiado em Viena, que escreve uma das mais cativantes prosas da nova literatura da Áustria. Seu primeiro romance "Mortos em férias", constituiu um dos sucessos do livro de língua alemã, sendo apontado pelo importante crítico do jornal "Notícias de Salzburgo" como "o documento de uma geração, que pode ser comparado com os romances de Ignazio Silone, Koestler ou Spender". Um dos valiosos poetas chama-se Paul Celan, (originário da Bucovina, Romênia) e seus versos muito contribuíram para a renovação da lírica tão cansada, que se escreve na Europa Central. Podemos mencionar, com a mesma facilidade um grupo de bons contistas, que tentam renovar o gênero, dando um novo conteúdo à prosa austriaca de apósguerra, sendo os mais representativos Walter Toman, Johannes Mario Simmel e Rudolf

figura. Destes, citamos somente — para não abusar das aspas — um a respeito de Tavares Bastos: "Era um agitador e um profeta. Agitou não raro o deserto. O que agitou no deserto constituiu sempre depois as realizações da História, a autenticação posterior de seu acerto na profecia".

Além, não é fácil destacar muitos passos fulgurantes nos seus escritos, e por uma razão: ao contrário de certos homens de jornal ou de letras, cujas produções são cortadas, ou ou outra vez, de períodos que constituem relâmpagos a contrastar com a dominante obscuridade do todo, — das páginas de Costa Rego a luz se desprende, do primeiro ao último período, viva e igual, igual num brilho que de ordinário não ofusca. É que, no trato e conversação dos autores franceses, ou do velho Eça, ele apurou e cristalizou o seu instinto senso da clareza, da palavra como tradução justa, precisa, do pensamento, como expressão necessária e fiel do raciocínio. Assim, a clareza não se lhe concentra, encandecendo, em umas poucas frases, deixando em penumbra ou as escaras o restante, com prejuízo da nitida enunciação da idéia.

Estas Águas Passadas oferecem imagem completa da rica personalidade do autor: o jornalista, o orador, o conferencista, o ensaísta, o homem público — secretário de Estado, deputado federal, governador (aos 35 anos), senador da República, presidente da delegação do Congresso Brasileiro à Conferência Parlamentar de Bruxelas, em 1930, membro da delegação do Brasil à Conferência de Lima em 1938, membro da delegação do Brasil à Assembléia Geral das Nações Unidas recentemente reunida em Paris. Do parlamentar aqui se acha o discurso acerca da lei de imprensa, proferido na Câmara dos Deputados; do chefe de governo, "Como foi que peregrinou a Imprensa"; do conferencista, orador e ensaísta, os trabalhos sobre Dostoevski, Tavares Bastos, Silveira Martins, o Marquês de Pombal, Charles de Gaulle.

De um jornalista, porém, que não se divorcia do escritor, espírito notável por um conjunto de qualidades que, sendo próprias do homem de jornal, nem sempre nele se vêem, e de outras peculiares ao homem de letras.

O tom limpidamente clássico da forma, a concisão, a originalidade sem rebucamentos, a força e graça no argumentar, a imagem feliz, a sutileza dos entretos, a arte de escrever, por vezes, nas entrelinhas, conferem a este livro de um jornalista títulos de legítima obra literária.

Num dos capítulos das suas excelentes Páginas de Estética, estabelece João Ribeiro distinção entre forma literária e estilo: aquela é "a máscara"; este, "feições e postura natural". "Pode-se desconhecer um escritor", acrescenta — "tal seja a mudança das suas roupagens, mas logo o leitor o descobre e põe à vista". Há em Costa Rego o estilo, essa "postura natural", reflexo do caráter, segundo Lise Boerne, citado pelo mesmo João Ribeiro, e a forma, que o leva a escrever devagar — relativamente devagar para quem tem de produzir todos os dias em meio a várias outras atividades — refazendo os períodos, substituindo palavras, cortando e cortando, aceso na paixão da clareza, da precisão e da síntese. Creio ter sido Vieira quem se desculpou, certa vez, de uma carta longa, alegando haver-lhe faltado tempo para ser breve. Costa Rego, com o seu método e extraordinária capacidade de trabalho, sempre acha, nas agitadas 24 horas do seu cada-dia, o tempo suficiente para não se derramar, para atingir aquilo a que ele mesmo chama "a arte mais difícil do escritor".

É profundo, como o prazer com que deixa aqui, abrindo o livro do filho eminente do novo Estado, a que tantos serviços prestou, e do amigo — exemplar, estas palavras, que — embora justas — desnecessárias à sua glória, só ambicionam ser gratas ao seu coração.

A situação da nova geração na Áustria

STEFAN BACIU



Bayr. Uma certa magia da palavra aparece an seus contos, inteiramente diferentes de todos que foram escritos antes. Alguns autores de peças teatrais surgiram, esperando ainda por uma estréia, pois o teatro na Áustria, não conhece as facilidades existentes alhures, e o público ignora a existência destes rapazes, chamados Berger, Carwin e Puehringer.

"ÁGUAS PASSADAS" O LIVRO DE COSTA REGO



O velho debate entre a natureza do jornalista e a da literatura, dominando as duas primeiras características. Isto porque Costa Rego é antes de tudo e principalmente um escritor, e quando mesmo a surpresa de ler o volume que tantas páginas admiráveis sejam apenas uma prosa de circunstância, nascida à sua banca de "Correio da Manhã", em meio à diátria tenaz emocional que caracteriza um jornal moderno, para o destino de uma publicação imortal.

A prosa, vocabulário, malícia, a graça que confere a determinada frase uma sugestão poética, a finura das observações, a erudição literária e o político-social que se espelha, discreta e severa, nesses escritos, o estilo inconfundível de todo esse conjunto de qualidades mostram que a riqueza deste livro não está apenas na multiplicidade de seus assuntos, na vivacidade com que Costa Rego aborda os problemas da política, da literatura e da vida, mas na qualidade íntima, isto é, a projeção do autor Costa Rego sobre o transiênto dos chamados "assuntos de jornal".

Tal riqueza mais se evidencia nas suas "Notas de uma viagem". Vê-se aí o velho jornalista e político educado e amadurecido com aquele sentimento que ropeu que é hoje privilégio de poucos brasileiros, que não hauriram da Europa apenas a paisagem, mas principalmente sua mente civilizada. Na arte, na vida, na filosofia e na política. E esse jornalista não se limita a ver a paisagem — interpreta, se o rumo do olhar, dentro de sua arte. E como jornalista, comenta e informa.

"Águas Passadas" tem, portanto, a categoria de obra literária que lhe confere o direito de ser um dos grandes acontecimentos culturais deste ano. Numa feliz aliança, as virtudes mestras do jornalista e da literatura, do transiênto e do permanente, dão-lhe uma nota própria, inconfundível.

"ÁGUAS PASSADAS"

AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA FERREIRA

há de ter sido vigorada mediante a leitura de Eça de Queirós, uma de suas grandes admirações e, acaso, de suas influências — ainda presente em numerosas destas páginas, entre elas "Imagens de Espanha" e o discurso "Na Casa do Jornalista". Ironia que não exclui a piedade e é desta, por vezes, um disfarce. Sem véus está a piedade, mesclada de revolta, quando nos diz o autor, referindo-se aos emigrantes italianos, que "as quatrocentas e tantas faces paradas, que se estendiam pelo convés do barco a sair, não eram faces mortas, porque nelas brilhava a chama do olhar; eram apenas faces que uma concepção mineral, uma estagnação, havia imobilizado, o que o cinzel de um escultor fizesse duras para tornar perpétua na beleza da obra de arte a expressão de uma ofensa recalcada, a ofensa imposta ao mundo pela guerra".

Por outro lado, uma graça, uma leveza de mão, que lhe permite, em outras de suas notas de viagem, a realização de tais páginas com pequenos dados, que permanecem com coisa nenhuma em pena menos fácil.

Não se deixe passar em silêncio o impressionante poder de certas imagens, como a do cloroformo no prefácio ao livro sobre De Gaulle; nem o início de trechos que retratam em cheio uma

figura. Destes, citamos somente — para não abusar das aspas — um a respeito de Tavares Bastos: "Era um agitador e um profeta. Agitou não raro o deserto. O que agitou no deserto constituiu sempre depois as realizações da História, a autenticação posterior de seu acerto na profecia".

Além, não é fácil destacar muitos passos fulgurantes nos seus escritos, e por uma razão: ao contrário de certos homens de jornal ou de letras, cujas produções são cortadas, ou ou outra vez, de períodos que constituem relâmpagos a contrastar com a dominante obscuridade do todo, — das páginas de Costa Rego a luz se desprende, do primeiro ao último período, viva e igual, igual num brilho que de ordinário não ofusca. É que, no trato e conversação dos autores franceses, ou do velho Eça, ele apurou e cristalizou o seu instinto senso da clareza, da palavra como tradução justa, precisa, do pensamento, como expressão necessária e fiel do raciocínio. Assim, a clareza não se lhe concentra, encandecendo, em umas poucas frases, deixando em penumbra ou as escaras o restante, com prejuízo da nitida enunciação da idéia.

Estas Águas Passadas oferecem imagem completa da rica personalidade do autor: o jornalista, o orador, o conferencista, o ensaísta, o homem público — secretário de Estado, deputado federal, governador (aos 35 anos), senador da República, presidente da delegação do Congresso Brasileiro à Conferência Parlamentar de Bruxelas, em 1930, membro da delegação do Brasil à Conferência de Lima em 1938, membro da delegação do Brasil à Assembléia Geral das Nações Unidas recentemente reunida em Paris. Do parlamentar aqui se acha o discurso acerca da lei de imprensa, proferido na Câmara dos Deputados; do chefe de governo, "Como foi que peregrinou a Imprensa"; do conferencista, orador e ensaísta, os trabalhos sobre Dostoevski, Tavares Bastos, Silveira Martins, o Marquês de Pombal, Charles de Gaulle.

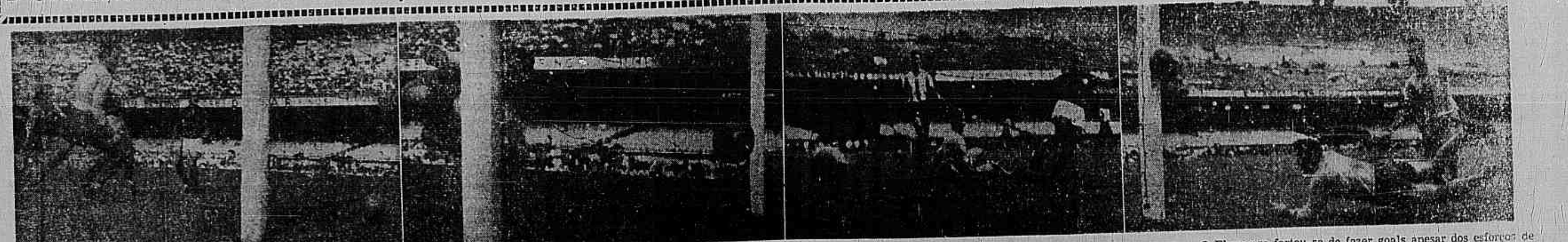
De um jornalista, porém, que não se divorcia do escritor, espírito notável por um conjunto de qualidades que, sendo próprias do homem de jornal, nem sempre nele se vêem, e de outras peculiares ao homem de letras.

O tom limpidamente clássico da forma, a concisão, a originalidade sem rebucamentos, a força e graça no argumentar, a imagem feliz, a sutileza dos entretos, a arte de escrever, por vezes, nas entrelinhas, conferem a este livro de um jornalista títulos de legítima obra literária.

Num dos capítulos das suas excelentes Páginas de Estética, estabelece João Ribeiro distinção entre forma literária e estilo: aquela é "a máscara"; este, "feições e postura natural". "Pode-se desconhecer um escritor", acrescenta — "tal seja a mudança das suas roupagens, mas logo o leitor o descobre e põe à vista". Há em Costa Rego o estilo, essa "postura natural", reflexo do caráter, segundo Lise Boerne, citado pelo mesmo João Ribeiro, e a forma, que o leva a escrever devagar — relativamente devagar para quem tem de produzir todos os dias em meio a várias outras atividades — refazendo os períodos, substituindo palavras, cortando e cortando, aceso na paixão da clareza, da precisão e da síntese. Creio ter sido Vieira quem se desculpou, certa vez, de uma carta longa, alegando haver-lhe faltado tempo para ser breve. Costa Rego, com o seu método e extraordinária capacidade de trabalho, sempre acha, nas agitadas 24 horas do seu cada-dia, o tempo suficiente para não se derramar, para atingir aquilo a que ele mesmo chama "a arte mais difícil do escritor".

É profundo, como o prazer com que deixa aqui, abrindo o livro do filho eminente do novo Estado, a que tantos serviços prestou, e do amigo — exemplar, estas palavras, que — embora justas — desnecessárias à sua glória, só ambicionam ser gratas ao seu coração.

Derrotando Carmem Pax, Miriam Figueiredo classificou-se para a final, hoje, com Cecy Carvalho



DOIS FEITOS DO FLAMENGO 6 X 0 E 140 MIL CRUZEIROS DE RENDA

Num dia útil e enfrentando o Canto do Rio, os rubro-negros reuniram no Maracanã apreciável torcida — Voltou a atuar com desembarço a ofensiva do Flamengo Joel (2), Adãozinho (2) Benitez e Rubens, os marcadores — Noticiário e gráfico em outro local desta seção.

Hoje, no Maracanã:

O "CLÁSSICO" DA REABILITAÇÃO

Botafogo e Bangu lutarão sem descanso pela vitória na expectativa do choque entre os líderes — Modificada a equipe alvinegra

Um "clássico" de grande importância dará prosseguimento, hoje, ao Campeonato Carioca de Futebol, agora em sua sexta rodada. No Estádio do Maracanã, como habitualmente sucede aos sábados, teremos a pelada antecipada entre Botafogo e Bangu, dois fortes concorrentes ao título máximo da cidade, que nesta oportunidade tentará reabilitar-se de derrotas anteriores, impedindo, por outro lado, que a petiza de novos pontos possa colocar em perigo a situação privilegiada de que desfrutou no certame.

MESMO OBJETIVO

É fácil observar que os adversários pisarão o gramado com o mesmo objetivo: a recuperação integral do último fracasso. O Botafogo ainda guarda bem viva a impressão da derrota que sofreu para o Flamengo, quando a sua vitória era o desejo mais ardente. Disputando o mesmo "clássico" este dia após aquele resultado, não poupará esforços no sentido de obter o que então foi impossível, embora lutasse com muito entusiasmo.

As responsabilidades do Bangu são bem maiores. Os 5 x 2 sobre o São Cristóvão não bastaram para compensar os 6 x 2 que lhe impôs o Vasco. Esta "goleada" constitui um peso que não o triunfo na tarde de hoje aliviará completamente. Convém mencionar que os dois rivais prelarão na expectativa do choque de amanhã, pois qualquer que seja o panorama numérico de Fluminense x Vasco, o vencedor terá a sua posição melhorada na tabela.

PREVISÃO DIFÍCIL

Torna-se difícil prever o ganhador. Tanto Botafogo quanto Bangu estão em condições de alcançar o sucesso, que, assim sendo, depende da circunstância do "match".

A SEGUNDA SURPRESA

Coube a Eugênio Saller proporcionar a segunda grande surpresa da rodada de ontem. Não pela vitória sobre Maneco, que consideramos perfeitamente normal mas pela maneira como esta foi alcançada, mais facilmente do que se poderia imaginar. Intelectualmente a lanterna a atitude pouco recomendável de Maneco que se vendo derrotado não se conformou com a marcação do juiz e daí por diante não mais se interessou pelo jogo do "set" em questão.

Disputada em quatro "sets", a partida apresentou os seguintes escores favoráveis a Saller: — 6 x 2, 12 x 10, 2 x 6 e 6 x 2.

A FÁCIL VITÓRIA DO FLAMENGO

Derrotado o Canto do Rio, pela elevada contagem de 6 x 0

Uma assistência apreciável compareceu ontem ao Maracanã, a fim de presenciar o combate Flamengo x Canto do Rio. A renda apurada — 140.750, num dia em que o comércio funcionou normalmente, assim como as repartições públicas, serve para atestar a vitalidade da torcida do rubro-negro, que não o abandona em momento algum.

Fora de dúvida que a vitória sobre o Botafogo, deu ao conjunto do Flamengo, moral, fator que creda. Ontem, os rubro-negros iniciaram a pelada cientes nas suas possibilidades e não tiveram dificuldade para imporem a sua melhor classe.

ADÃOZINHO E JOEL, OS PRIMEIROS GOLEADORES

Iniciado o "match", os rubro-negros partiram imediatamente para o ataque, no firme propósito de cortar tédia e qualquer resistência. Quando eram decorridos apenas três minutos, o Flamengo abriu a contagem por intermédio de Adãozinho.

EXPULSO EDÉSIO

A facilidade com que se infiltravam os jogadores do Flamengo, vinham irritando os componentes do sexto defensivo do Canto do Rio, em dado momento Benitez passou pela média Edésio, este na impossibilidade de o deter lealmente, aplicou-lhe violenta rasteira. Gama Malcher, prontamente assinalou a falta e ordenou a expulsão do profissional infrator.

"FOUL PENALTY" DE JORDAN

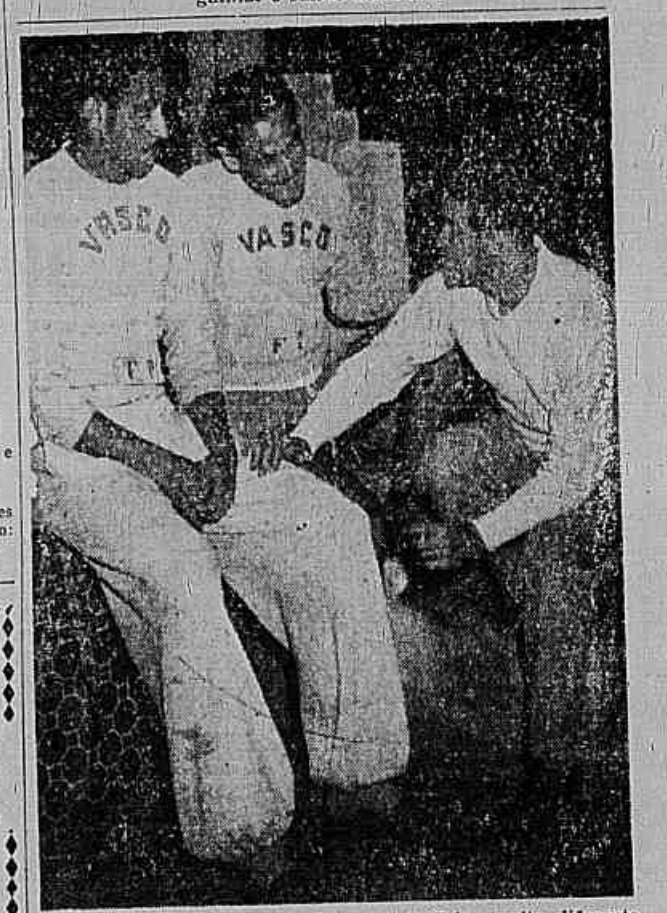
Com visível ascendência do rubro-negro, o jogo foi prosseguindo. Numa dessas raras investidas, Jordan praticou "foul penalty" em Edir. Consignada a falta José de Souza, foi o incumbido de batê-la. Gama Malcher, espetacularmente deteve a pelada.

ARRAZADO O CANTO DO RIO

Seis minutos eram decorridos quando Joel marcou o quinto tento.

Na fase complementar partem os rubro-negros para o ataque e so-

O Flamengo farteu-se de fazer goals apesar dos esforços de Marujo que ai vemos batido quatro vezes. Iniciou a série Adãozinho. A seguir Joel, em que pese o salto vistoso do goleiro. Depois novamente Adãozinho que observa com calma a bola ganhar as redes. Finalmente o quarto tento da tarde de autoria de Benitez. O fotógrafo focalizou o exato momento em que a bola se chocava com a trave antes de ganhar o fundo das redes



Ipojuca, Maneca, Ademir. O assunto? Coisa muito diferente de futebol...

Chega hoje a equipe olímpica alemã de ginástica

Chega hoje, às 14 horas, ao Galão a equipe olímpica alemã de ginástica em aparelhos. A delegação é integrada por oito desportistas e dirigida pelo jornalista Hans Reif. Os olímpicos serão recebidos por várias entidades esportivas, estando organizadas expressivas homenagens.

Do Rio, a delegação irá a São Paulo, Santa Catarina, Porto Alegre, onde fará demonstrações em ginástica, barras e cavalos de pau. Os ginastas alemães estenderão a sua viagem a Buenos Aires, Valparaíso e Santiago do Chile.

PARTIU PARA O BRASIL

Frankfurt, Alemanha, 19 (U.P.). — A equipe olímpica alemã de ginástica partiu hoje em avião da Alemanha para o Rio de Janeiro, vindo para o Brasil em excursão de quatro semanas sob os auspícios de clubes desportivos alemães na América do Sul.

O grupo de ginastas é dirigido pelo jornalista Hans Reif, de Hamburgo, que passou vários anos na Alemanha do Sul, depois da guerra. Reif disse que a equipe não pode aceitar todos os convites que recebeu dos clubes desportivos sul-americanos, especialmente do Rio de Janeiro, devido ao pouco tempo que contam os atletas. O jornalista acrescentou que o conjunto espera regressar à Alemanha até 17 de outubro.

INGRESSOS

Os ingressos podem ser encontrados nos seguintes locais: secretaria do Clube Desportivo de 1909, av. Presidente Wilson, 240, sala 1.305; Joazeira Schupp, rua Gonçalves Dias, 49; Farmácia Duhal, rua da Alfândega, 74; Oliva Abreu, rua Carvalhos, 82; Colégio Cruzeiro, rua Carlos de Carvalho, 75.

Orlando ressentiu-se da contusão e dificilmente jogará — Venceram os titulares no treino de ontem

Castilho e Quincas sobre quem pesavam dúvidas quanto ao estado físico jogará certamente. Como

TÊNIS

Hoje, as primeiras finais

Miriam Figueiredo x Cecy Carvalho, disputarão o título feminino — Maneco x Procópio, a outra atração da tarde

Belo Horizonte, 19 (Isamar Buarque, enviado especial). — Pela manhã além dos complementos dos jogos interrompidos na tarde de quinta-feira, tivemos ainda a partida entre Miriam e Odaléia, "versus" Marina e Irene, vencida pelas primeiras por 6x2 e 6x1. Credençouse assim a dupla tijucana a enfrentar na semi-final as paulistas Silvia Vilar e Juliana Martins. As partidas completadas ontem, ofereceram os seguintes resultados: Nadaya e Orlando Silva, terminaram por triunfo sobre Bergman e Petersen por 1x6, 1x6, 6x3, 6x4 e 6x3.

OS JOGOS DE HOJE

São os seguintes: Miriam e Odaléia x Silvia e Juliana (semi-final). Cecy Carvalho x Miriam Figueiredo (final). Maneco e Procópio x Venc. de Aldo e Jairo x Saller e Ferla (final).

Armando Vieira x Procópio (semi-final). Miriam e Pedro Moacir x Carmem e Peterson (4ª de final). Aldo e Jairo x Saller e Ferla (semi-final).

OPINAM OS VASCAÍNS

UMA BARREIRA, A DEFESA TRICOLOR

Gentil: — grande conjunto e sério candidato — o mesmo quadro da vitória reabilitadora

Indiscutivelmente o prêmio que reunirá amanhã, Fluminense e Vasco no Maracanã, pelas circunstâncias próprias que cercam ambos os conjuntos, ainda incertos e possuidores também de grande lealdade de admiradores, pode ser encarado, sem menosprezo aos demais como o de maior interesse despertado até a presente data.

Justamente para atender essa imensa curiosidade da torcida vascaína, e sentir de perto como

aguardam os "cracks" cruzmaltinos e seu técnico, tão importante compromisso, nos dirigimos ontem, à concentração do Vasco, instalada em apertado hotel na ilha do Governador.

A nossa chegada, estavam todos Jantando e se não fosse a intromissão, o assunto futebol estaria tão longe do pensamento dos jogadores da "colina", como a distância que separa os mesmos do centro da cidade.

GRANDE ADVERSÁRIO

Gentil Cardoso, o primeiro a ser abordado pela reportagem, não se furtou a dar impressão sobre a pelada com o Fluminense. Após declarar que o considerava um grande adversário referindo-se ao adversário triandante:

— É um dos sérios candidatos ao título. Indagamos então, quais os clubes que ainda considera com possibilidades:

— Ainda é muito cedo para se tecer um prognóstico a respeito, o campeonato está praticamente no começo, e todos estão embolados. Sobre as condições dos jogadores, disse que é a melhor possível e que espera jogar com o mesmo "time" que abatera o Bangu.

A seguir ouvimos os jogadores cruzmaltinos. Ademir por exemplo, referindo-se aos pontos que provavelmente terá de perder o campeão de 1952, achava que no mínimo teria de somar seis pontos negativos, enquanto que Jansen que escutava o diálogo discordava, achando muito.

Quais os candidatos Ademir? Inquirimos.

Na minha opinião, os mesmos de sempre, mas Vasco, Fluminense e Flamengo possuem inevitavelmente muita chance, sem falar do Botafogo, Bangu e América, que desafiadores momentaneamente, poderão ainda, chegar perto dos líderes, e se tornarem candidatos.

Sobre qual o melhor setor do adversário de domingo, Ademir embora reconhecendo ser o ataque tricolor muito agressivo, destacou a defesa, dando a seguinte argumentação:

— Pelo sistema empregado pelo Fluminense, de atacar com três homens e defender com oito, é evidente que a retaguarda, teria de ser, como realmente é, quase inextinguível. Já Augusto, destaca Vasco e Fluminense como de maiores "chances".

E referindo-se a seu novo companheiro, o jovem Haroldo, como resposta a uma nossa indagação declarou:

— Sinto-me a vontade jogando

OPINAM OS JOGADORES

A seguir ouvimos os jogadores cruzmaltinos. Ademir por exemplo, referindo-se aos pontos que provavelmente terá de perder o campeão de 1952, achava que no mínimo teria de somar seis pontos negativos, enquanto que Jansen que escutava o diálogo discordava, achando muito.

Quais os candidatos Ademir? Inquirimos.

Na minha opinião, os mesmos de sempre, mas Vasco, Fluminense e Flamengo possuem inevitavelmente muita chance, sem falar do Botafogo, Bangu e América, que desafiadores momentaneamente, poderão ainda, chegar perto dos líderes, e se tornarem candidatos.

BASQUETEBOL

PENTA-CAMPEÃS AS PAULISTAS

ao derrotarem em jogo final, as cariocas por 44x32

O basquetebol feminino de São Paulo, conquistou na noite de ontem, na quadra do Tijuca Tênis Clube, mais um título máximo nacional, ao derrotar com bastante mérito a representação guanabariense, por 44 x 32.

Não só devido ao fato de terem até a presente data, conquistado os títulos daquela categoria, que o foram aliás em número de quatro, mas principalmente por terem revelado no transcurso do atual certame grandes qualidades, bem como a representação paulista, apontada como favorita no jogo final com as cariocas.

Assim, embora enfrentando uma adversária poderosa e de grandes qualidades técnicas, principalmente na primeira fase, quando as cariocas souberam manter um jogo até um certo ponto igual, souberam as paulistas fazer valer sua alta classe e superioridade.

E o título de penta-campeã de basquetebol feminino, conquistado na noite de ontem, nada mais foi que um justo prêmio para a equipe que melhor se conduziu durante todo o certame.

As cariocas cabe a recompensa de terem sabido enfrentar a derrota com altivez e espírito esportivo, aliado também, a um grande dose de combatividade e acentuado progresso comparativamente à pelada anteriores contra suas mais sérias adversárias, as paulistas.

Na preliminar as paulistas não tiveram dificuldades em vencer as fluminenses, e o escore final de 38 x 16, atesta bem essa supremacia. Com esse resultado, as representantes da terra dos pinheirais, sagram-se terças colocadas, enquanto que as niteroienses foram as últimas colocadas.

EQUIPES

No principal jogo da noite, as paulistas venceram as cariocas na

O AUTOMÓVEL BRASILEIRO

E. M.

Fala-se muito na produção de um automóvel genuinamente nacional. O ideal é de nós brasileiros, porquanto a indústria da indústria é vital para uma nação. Porém, deve-se encarar a questão à luz da realidade dos fatos, a fim de que as reais dificuldades sejam devidamente examinadas. Falei muito o "Automóvel Brasileiro" e a indústria automobilística brasileira. Na série de comentários publicados nesta seção, procurei mostrar com clareza e fatos que a indústria da indústria brasileira em si mesma, a julgar concretamente os equipamentos, nossa posição atual e a perspectiva, porquanto existem avanços quando aceleradamente para a produção de um veículo nacional, mas esse objetivo não se nos apresenta próximo; ainda demoraremos alguns anos até que se crie o automóvel brasileiro.

Verificamos que muita coisa já se fez, todavia resta muito por fazer, tal a complexidade da indústria. Para se ter uma idéia do que é a indústria automobilística, basta citar que nos Estados Unidos, desde o advento do carro na América, surgiram cerca de 2.000 firmas automobilísticas, restam atualmente 13. E as demais, por que não chamamos a atenção para a indústria automobilística brasileira? Não dispunhamos de técnicos? Não aperfeiçoávamos os produtos? Na realidade, com os nossos técnicos, mais a indústria automobilística é muito avançada, porque apresenta problemas "realmente" difíceis de serem solucionados. Dependendo da natureza da produção para ter uma indústria automobilística, devemos criar um automóvel genuinamente nacional, ou fabricar um produto estrangeiro sob o nome de uma indústria nacional. Não há dúvida de que a segunda hipótese é mais acertada. Todavia, aqui surge um grande obstáculo. Que marca e tipo de carro devemos produzir para entregá-lo ao consumidor brasileiro? E qual a atitude justa em relação

ao pequeno volume de fabricação? São vários e difíceis os problemas que se apresentam para a produção do automóvel brasileiro. Há quem queira a seguir: o primeiro, que o governo tomasse sobre si a responsabilidade da construção de uma indústria com todos os recursos que inevitavelmente advirão. O segundo, que o governo facilitasse todos os pontos de vista, inclusive o de caráter econômico, o desenvolvimento da indústria automobilística e a sua comercialização.

Considerando que todos os problemas para a produção do automóvel brasileiro não são resolvidos, resta ainda insatisfeita a questão da continuidade. Resolvida a questão da matéria-prima, cuja produção no momento não pode ser acelerada, restariam ainda dois fatores ainda mais complexos: a criação de indústrias complementares, para o fornecimento de radiadores, diâmetros, vitrebros, caixa de câmbio, carburadores, além de centenas de peças e acessórios; o último problema, e mais importante, refere-se ao custo de produção. Sabemos que a eficiência precípua de uma indústria é a produção em larga escala.

Por tanto, deve-se criar um automóvel genuinamente nacional, ou fabricar um produto estrangeiro sob o nome de uma indústria nacional. Não há dúvida de que a segunda hipótese é mais acertada. Todavia, aqui surge um grande obstáculo. Que marca e tipo de carro devemos produzir para entregá-lo ao consumidor brasileiro? E qual a atitude justa em relação

As demais firmas excluídas, que há vários anos vêm obtendo no país a produção pública, consumidor disposto a pagar Cr\$ 50.000,00 ou Cr\$ 100.000,00 a mais pelo mesmo produto? O bom senso responde: não. Além disso, esse acréscimo no preço do produto não concorreria para a inflação?

São, como vimos, complexos e variados os problemas para a fabricação do automóvel brasileiro. Além disso, há quem queira a seguir: o primeiro, que o governo tomasse sobre si a responsabilidade da construção de uma indústria com todos os recursos que inevitavelmente advirão. O segundo, que o governo facilitasse todos os pontos de vista, inclusive o de caráter econômico, o desenvolvimento da indústria automobilística e a sua comercialização.

Considerando que todos os problemas para a produção do automóvel brasileiro não são resolvidos, resta ainda insatisfeita a questão da continuidade. Resolvida a questão da matéria-prima, cuja produção no momento não pode ser acelerada, restariam ainda dois fatores ainda mais complexos: a criação de indústrias complementares, para o fornecimento de radiadores, diâmetros, vitrebros, caixa de câmbio, carburadores, além de centenas de peças e acessórios; o último problema, e mais importante, refere-se ao custo de produção. Sabemos que a eficiência precípua de uma indústria é a produção em larga escala.

CARTEIRA DE MOTORISTA

O leitor provavelmente, ao prestar o seu exame de habilitação como motorista amador, terá observado, enquanto aguarda a sua chamada, ovidio observações curiosas sobre as exigências dos exames e opiniões muitas vezes descontruídas sobre a eficácia ou a necessidade dos exames.

Alguns argumentam que já dirigem automóveis há muito tempo e que as salidas em ladeira ou estacionamento em vagas pequenas não lhes representam nenhuma dificuldade. Outros, com o nervosismo natural das provas de habilitação, cometem erros primários, como aqueles que insistem em dar a partida no automóvel, esquecendo-se de ligar a chave de contato.

Essas falhas não ocorrem quando se trata de um motorista profissional, e certamente o leitor terá observado várias semelhanças quando prestar o seu exame de habilitação, se é que ele próprio não foi protagonista de uma dessas cenas.

Retornamos de novo ao exame de habilitação e necessariamente devemos lembrar ao leitor que o verdadeiro exame de habilitação não se trata de um teste de habilidade, mas sim de um teste de segurança. Queremos para o Brasil uma indústria técnica e econômica capaz de se equiparar às similares do exterior.

Teremos o automóvel brasileiro, não o duvidamos, porque a indústria brasileira se acha numa fase de progresso sem precedentes em sua história, e tal evolução possibilita a criação do veículo nacional.

Quando as condições industriais e econômicas permitirem, esse progresso, assim como os outros, por várias indústrias de refrigeração, é perigoso tentar acelerar os acontecimentos e só o tempo poderá confirmar estas asserções. Tudo que se disser em contrário é pura fantasia de sonhadores, que desconhecem a complexidade da indústria automobilística.

AUTOMOBILISMO

SISTEMA DE IGNIÇÃO

Quando a faísca sai de uma vela, provocando a explosão da mistura de gasolina e ar, não indaga-se muito sobre o mecanismo que a produz, mas a importância de toda essa operação é de grande importância para o funcionamento do motor.

Nos dias de hoje, o processo mais utilizado de ignição é o de trifásico por bateria, no qual se há um quarto de século atrás quando os fabricantes davam preferência para o sistema de ignição por bateria, que era considerado mais simples e mais barato.

Para que se compreenda melhor o sistema de ignição, vamos fazer uma breve descrição dos aparelhos que compõem o sistema, explicando os seus princípios de funcionamento de cada um deles.

Primeiro lugar tem o dínamo, que é o aparelho destinado a gerar a corrente elétrica. Em seguida, podemos citar o acumulador ou bateria, que é justamente o aparelho que armazena a eletricidade gerada pelo dínamo, e que será usada no momento de necessidade.

Basta extrairmos o dínamo para produzir uma corrente de baixa tensão e daí a necessidade da existência de uma bobina que se destina a transformar a corrente de baixa tensão em uma corrente de alta tensão. Junto a esta bobina encontramos também um dispositivo de ruptura, destinado a fazer a interrupção da corrente de baixa tensão do circuito primário da bobina.

Finalmente, para completar o circuito de ignição, temos o distribuidor que espalha a corrente de alta tensão em cada uma das velas do motor, e estas que por último produzem a faísca que vai provocar a explosão da mistura de gasolina e ar.

Como vemos, a aparelhagem para ignição é bastante complexa, e o funcionamento de cada um dos seus componentes é de grande importância para o bom funcionamento do motor. Vamos agora analisar o funcionamento de cada um dos componentes.

Sobre a matéria, não precisamos nos estender muito, uma vez que suas funções já têm sido bastante apreciadas nesta coluna. Em todo caso, sempre é tempo de lembrar ao leitor a importância de se verificar o nível da bateria, a fim de garantir sempre um perfeito funcionamento da mesma.

Quanto à bobina, devemos lembrar que executou, como já ficou dito, a delicada operação de transformar corrente de baixa tensão em alta tensão, e que desde logo é lá onde se encontra que é essencial uma perfeita absoluta perfeita operação. Como a bobina é uma peça relativamente simples e está sujeita a algumas vezes a se estragar, convém ter sempre uma sobresselva, para o caso de alguma avaria.

Sobre os demais aparelhos do sistema de ignição, não vamos nos estender, uma vez que a eles será dada a devida atenção em outra oportunidade.

O esquema acima nos mostra o tipo de construção de um sistema de ignição que vem sendo adotado por alguns fabricantes americanos. Sendo feito de peças metálicas, apresenta uma maior rigidez da carroceria, evitando-se em grande parte o desconjuntamento da mesma que o uso provoca, impedindo o aparecimento de ruídos que caracterizam os carros já gastos pelo uso continuado.

O motor que vemos pertence aos novos tipos de automóveis da fábrica Lincoln, possuindo seis cilindros na disposição tradicional.

O famoso "rabo de peixe" de nossos dias, vai completar próximamente seus cinquenta anos de produção ininterrupta. Ela porque hoje apresentamos a primeira e a última criação dessa famosa marca. O modelo de 1952 que vemos ilustrado, ao que parece já merecia as preferências das moças da época, e o recentíssimo modelo Eldorado apresenta várias melhorias, entre as quais a de todas as suas peças de metal do painel de instrumentos serem de ouro 14 K. Em cinquenta anos tudo mudou muito, como se vê.

da hidráulica, cujo sistema vemos ilustrado. A vantagem está em tornar ainda mais cômoda a manobra de direção, reduzindo a grandeza do esforço do motorista. Tal aparelhagem, deve-se dizer, só atua quando o motor do carro está em funcionamento.

gão inteiramente vertical, estando apoiada quase que diretamente na roda, faz com que o amortecimento dos choques seja altamente eficiente, como comprovam os automóveis já em circulação e que adotaram este sistema de molas.

O motor que vemos pertence aos novos tipos de automóveis da fábrica Lincoln, possuindo seis cilindros na disposição tradicional.

O famoso "rabo de peixe" de nossos dias, vai completar próximamente seus cinquenta anos de produção ininterrupta. Ela porque hoje apresentamos a primeira e a última criação dessa famosa marca. O modelo de 1952 que vemos ilustrado, ao que parece já merecia as preferências das moças da época, e o recentíssimo modelo Eldorado apresenta várias melhorias, entre as quais a de todas as suas peças de metal do painel de instrumentos serem de ouro 14 K. Em cinquenta anos tudo mudou muito, como se vê.

gão inteiramente vertical, estando apoiada quase que diretamente na roda, faz com que o amortecimento dos choques seja altamente eficiente, como comprovam os automóveis já em circulação e que adotaram este sistema de molas.

O motor que vemos pertence aos novos tipos de automóveis da fábrica Lincoln, possuindo seis cilindros na disposição tradicional.

O famoso "rabo de peixe" de nossos dias, vai completar próximamente seus cinquenta anos de produção ininterrupta. Ela porque hoje apresentamos a primeira e a última criação dessa famosa marca. O modelo de 1952 que vemos ilustrado, ao que parece já merecia as preferências das moças da época, e o recentíssimo modelo Eldorado apresenta várias melhorias, entre as quais a de todas as suas peças de metal do painel de instrumentos serem de ouro 14 K. Em cinquenta anos tudo mudou muito, como se vê.

O esquema acima nos mostra o tipo de construção de um sistema de ignição que vem sendo adotado por alguns fabricantes americanos. Sendo feito de peças metálicas, apresenta uma maior rigidez da carroceria, evitando-se em grande parte o desconjuntamento da mesma que o uso provoca, impedindo o aparecimento de ruídos que caracterizam os carros já gastos pelo uso continuado.

O motor que vemos pertence aos novos tipos de automóveis da fábrica Lincoln, possuindo seis cilindros na disposição tradicional.

O famoso "rabo de peixe" de nossos dias, vai completar próximamente seus cinquenta anos de produção ininterrupta. Ela porque hoje apresentamos a primeira e a última criação dessa famosa marca. O modelo de 1952 que vemos ilustrado, ao que parece já merecia as preferências das moças da época, e o recentíssimo modelo Eldorado apresenta várias melhorias, entre as quais a de todas as suas peças de metal do painel de instrumentos serem de ouro 14 K. Em cinquenta anos tudo mudou muito, como se vê.

da hidráulica, cujo sistema vemos ilustrado. A vantagem está em tornar ainda mais cômoda a manobra de direção, reduzindo a grandeza do esforço do motorista. Tal aparelhagem, deve-se dizer, só atua quando o motor do carro está em funcionamento.

gão inteiramente vertical, estando apoiada quase que diretamente na roda, faz com que o amortecimento dos choques seja altamente eficiente, como comprovam os automóveis já em circulação e que adotaram este sistema de molas.

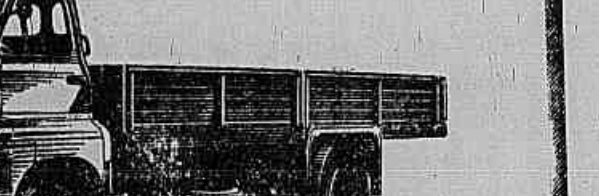
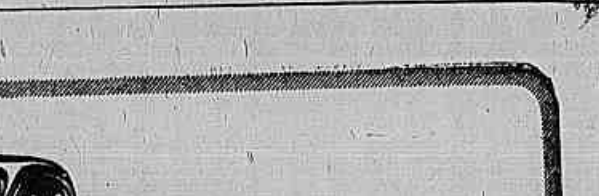
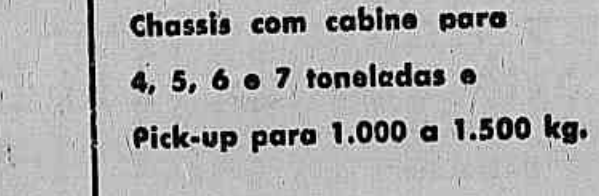
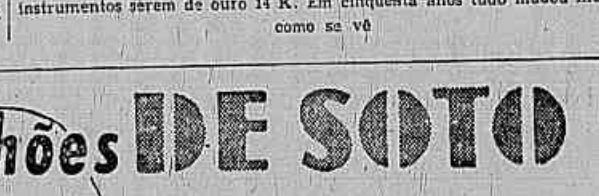
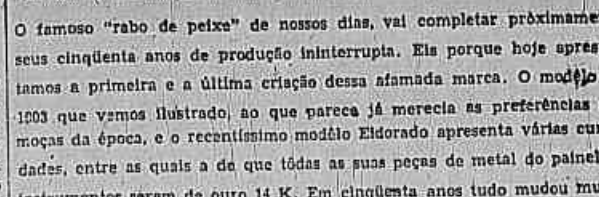
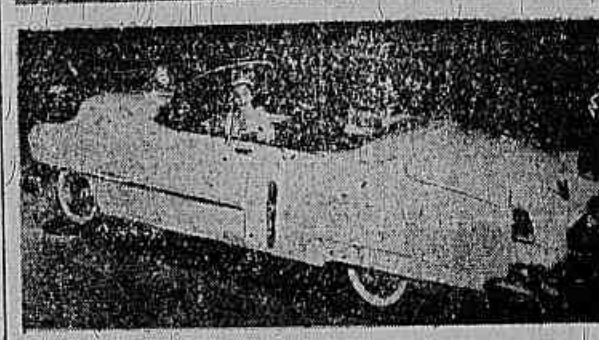
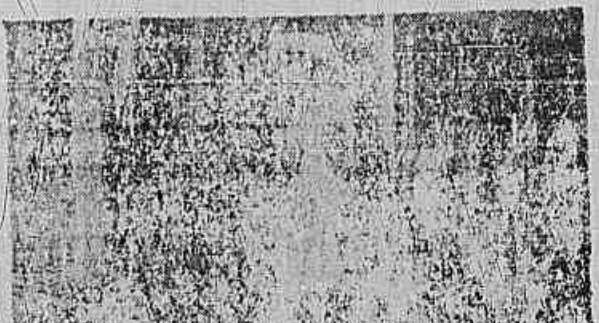
O motor que vemos pertence aos novos tipos de automóveis da fábrica Lincoln, possuindo seis cilindros na disposição tradicional.

O famoso "rabo de peixe" de nossos dias, vai completar próximamente seus cinquenta anos de produção ininterrupta. Ela porque hoje apresentamos a primeira e a última criação dessa famosa marca. O modelo de 1952 que vemos ilustrado, ao que parece já merecia as preferências das moças da época, e o recentíssimo modelo Eldorado apresenta várias melhorias, entre as quais a de todas as suas peças de metal do painel de instrumentos serem de ouro 14 K. Em cinquenta anos tudo mudou muito, como se vê.

gão inteiramente vertical, estando apoiada quase que diretamente na roda, faz com que o amortecimento dos choques seja altamente eficiente, como comprovam os automóveis já em circulação e que adotaram este sistema de molas.

O motor que vemos pertence aos novos tipos de automóveis da fábrica Lincoln, possuindo seis cilindros na disposição tradicional.

O famoso "rabo de peixe" de nossos dias, vai completar próximamente seus cinquenta anos de produção ininterrupta. Ela porque hoje apresentamos a primeira e a última criação dessa famosa marca. O modelo de 1952 que vemos ilustrado, ao que parece já merecia as preferências das moças da época, e o recentíssimo modelo Eldorado apresenta várias melhorias, entre as quais a de todas as suas peças de metal do painel de instrumentos serem de ouro 14 K. Em cinquenta anos tudo mudou muito, como se vê.



AUTOMÓVEIS DE OCASIÃO

CITROEN — 15 CV

6 CILINDROS

Vende-se Citroen 15 CV, ano 1951, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

BUICK SUPER — 1949

Linda conversível, ano 1949, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

COMPRO AUTOMÓVEL

de qualquer marca em qualquer estado, mesmo precário de funcionamento. Preço: Cr\$ 20.000,00. (2351) 64

JEPINHO 1952 !!!

tipo militar, novo, para exportação e preço baixo da tabela, único no Rio. Ver Rua Barão da Torre 20. (2351) 64

KAYSER "51"

Hydramatic, 4 portas, cinco cilindros, ano 1951, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

COMPRO CHEVROLET E FORD

dos anos de 1949 a 1951. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

COMPRO SEU AUTOMÓVEL

Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

COUPE PLUMOTON

pertencente a mecânico cuidadoso, com rádio, freio a óleo, 88 HP, faróis, bússola, ano 1951, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

CHRYSLER — 1949

SPORTMAN

Infinito, bom estado de conservação. Oito cilindros, ano 1949. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

HUMBER — 1951

Vendo um estado de novo, com 15.000 km. Cor preto, com rádio e pneus novos. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

DODGE 1952 — Diplomata

Completamente equipado, único no país, ano 1952. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

SKODA — BARATÍSSIMO !!!

Vendo perfeito, 4 portas, muito abaixo da tabela. Cr\$ 30.000,00. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

FOX TERRIER — Legítimo

3 meses, vende-se a Rua Barão da Torre 20. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

VENDE-SE Chrysler New Yorker

1932, com 4 portas, ano 1932. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

MERCURY MONTEREY 1951

Vende-se coupé de luxo, ano 1951. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

AUTOMÓVEL TERRAZO

um terreno em Nova Iguaçu por um automóvel, de seis meses de uso. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

PONTIAC — 39

Vende-se PONTIAC 39, ano 1952, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

JAGUAR 1952

CRS 30.000,00

Vende-se JAGUAR 1952, Ver Rábado ou domingo em via aérea. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

"ENSINA-SE A DIRIGIR"

Curso 1951, mudança na direção. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

OLDSMOBILE 98 — 1952

Préto, 4 portas, recém-chegado, equipamento completo. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

CHEVROLET — 51

de luxo, power-glide, equipado. Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

COUPE — CRS 24.000,00

portuocente a mecânico cuidadoso, 100% perfeito. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

VAUGHAN

Modelo 49, ano da Agência em 50,

completo estado, pouco rodado. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

COMPRO AUSTIN

Austin de 1950 a 1952, pago a vista. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

COMPRO AUTOMÓVEL EUROPEU

Qualquer marca de 1948 a 1951. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

VENDE-SE CHEVROLET BEL

1952, duas cores, completamente equipado, banda branca. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

DE SOTO 52 CAMINHONETE

Vendo um estado de novo, com 15.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

FORD PERFECT 1948

Vendo um estado de novo, com 15.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

PONTIAC 39

Vende-se PONTIAC 39, ano 1952, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

HILLMAN

1951, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

LOTACAO

Vende-se quase nova, ano 1951. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

LONAS PARA FREIOS MERCEDES

Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

PLYMOUTH — 1950

Vende-se PLYMOUTH 1950, ano 1950, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

CRUISER CONVERSIVEL

Vende-se tipo New York, ano 50, em estado de novo. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

DODGE "SIERRA"

Particular, vende camioneta, 4 portas, ano 1951. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

PONTIAC — 1951

Vende-se PONTIAC 1951, ano 1951, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

DODGE UTILITY — 51

Vendo estado novo, preço de ocasião. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

FORD — 51

Coupé, vindo de casa, ano 1951. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

OPEL-KAPITAN — 1952

Vende-se OPTEL-KAPITAN 1952, ano 1952, com 12.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

STANDARD VANGUARD 1952

ATENCAO!!!! 4.000 Kms. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

NASH (600) ANO 1949

Vende-se licenciada para praça e em ótimo estado, equipada com rádio de fábrica e demais acessórios. Ver e tratar na Garage Minerva, à rua Haddock Lobo n. 74. (5412) 64

BUICK — 1947

4 PORTAS

Vendo este maravilhoso carro, com rádio original, spot-light, capas de veludo, tudo 100% de hoje. Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

CITROEN — 11 — LIGEIRO

1951

Vendo um estado de novo, com 15.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

RENAULT JUVAQUATRE 1948

URGENTE CRS 21.000,00. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

OPEL KAPITAN — ANO 1952

Vendo um estado de novo, com 15.000 km. Preço: Cr\$ 30.000,00. (2351) 64

FORD ANO 1951 EQUIPADO

